

## 1 INTRODUÇÃO

No jogo das relações de poder, é comum presenciarmos narrativas de que o movimento feminista tenha sucumbido, fracassado, obstaculizando suas lutas, mas, também, momentos em que o movimento ganha força e visibilidade, com reivindicações diferenciadas, rearranjando as relações de poder, resistindo, lutando.

É nesse espaço movente, em fluxos, muitas vezes com refluxos, que tem se feito o movimento feminista e outros movimentos sociais. Eles guardam complexidades e configurações históricas que vão se alterando ou aperfeiçoando com o passar do tempo. São movimentos dentro do próprio movimento, que dividem, que somam e que transformam.

Isso acontece porque as condições e o que se reivindica podem se alterar, de acordo com o tempo, com a política, com a economia, ou mesmo a guerra, como se poderá verificar na contextualização a seguir. No entanto, as condições concretas a que estão submetidas as mulheres no mundo, e de forma muito aguda no Brasil, impede qualquer relativização que diminua a importância de estudos de gênero, dos estudos feministas, dos estudos filosóficos acerca do poder, que possam alicerçar um diagnóstico e uma proposição de alternativas à brutalidade das condições atuais de vida. Com dados de 2016, através de um infográfico, o Forum Brasileiro de Segurança Pública divulgou uma pesquisa Datafolha sobre violência contra a mulher no Brasil: um terço das mulheres pesquisadas foram vítimas de violência, a cada hora, 503 mulheres foram vítimas de agressão física no Brasil, em 61 por cento dos casos elas conheciam os agressores e em 43 por cento dos casos, a agressão ocorreu em casa (SANTOS, 2017).

Portanto, os estudos feministas são urgentes. De um campo inicial que envolvia apenas a fala da mulher, a discussão sexual passou para uma para discussão de gênero, e mais recentemente fugindo do reducionismo homem/mulher, agregando outras conformações, problematizando também todas as formas dissonantes de subjetivação, situadas fora do binarismo tradicional, para além dos dogmas biologicistas ou religiosos. O feminino ganha verbo, significação, movimento.

Essas várias expressões do feminismo nos fazem remeter, para uma compreensão que não torne difusa essas manifestações da diferença, aos estudos feministas e suas conexões com as provocações foucaultianas. É preciso, portanto, amplificar os diagnósticos acerca das contradições da modernidade, da invenção da sexualidade como forma de controle e exercício do poder patriarcal, a serviço das formas de dominação e sujeição dos indivíduos, sobretudo das mulheres ou das manifestações não heterossexuais masculinas, aprofundando nos estudos

de gênero para reinventar, com lastro na ideia de emancipação, modos de subjetivação com dignidade.

Nosso propósito, então, considerando o espaço delimitado deste ensaio é, com suporte metodológico na pesquisa bibliográfica, empreender um estudo analítico-argumentativo alicerçado nas contribuições de Michel Foucault para os estudos feministas.

De partida, é preciso evidenciar que Foucault não é um autor que tenha tematizado diretamente a questão do feminino. Aqui, uma precaução é necessária para que não se apressem os contra-argumentos desta natureza. Foucault é para este ensaio uma caixa de ferramentas, como tantas vezes ele fez uso de suas leituras. Embora o mesmo não tenha abordado o tema diretamente, os estudos feministas e de gênero, algumas vezes na esteira de seus diagnósticos, em outras na dissonância de suas provocações, puderam se aproveitar de seus ditos e escritos e da força de argumentos que preservam a verve persuasiva de uma filosofia da suspeita<sup>1</sup>.

Assim, partimos de uma breve contextualização do feminismo, que evidencia as formas de luta históricas contra o patriarcado e a opressão capitalista e colonial, para escavar em Foucault ideias que articulem e, de alguma forma, amplifiquem a compreensão sobre as lutas por igualdade, realização e emancipação de gênero em contextos fortemente marcados pelas relações de poder assimétricas e violentas. Na tinta dos estudos feministas, Foucault se faz presente.

## **2 SITUANDO O FEMINISMO**

Sem querer negar, nesse primeiro momento, qualquer tipo de lutar anterior, é forçoso reconhecer que a história oficial identifica somente a partir do Século XIX, no Ocidente, os primeiros protestos, os quais se vinculavam à reivindicação do direito do voto das mulheres.

Sustenta Guaraci Louro que

(...) as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado 'sufragismo', ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que

---

<sup>1</sup> Aqui, uma referência às leituras de Foucault acerca de Marx, Nietzsche e Freud, que, junto com Ricoeur, nomeiam os três grandes mestres como uma linha de filosofia da suspeita: "Os mestres da suspeita não são mestres do ceticismo. Eles irão procurar outra via de acesso à consciência, um trabalho de interpretação mediado pelos signos e pelos símbolos a partir dos quais a própria consciência se manifesta. Assim, de maneiras diferentes entre si, os mestres da suspeita se colocaram a tarefa de estabelecer um método de decifração que tomou a forma de uma teoria das ideologias em Marx, uma teoria dos ideais e das ilusões em Freud e uma genealogia da moral em Nietzsche" (ZUBEN, 2008, p.35)

com força e resultados desiguais), o sufrágismo passou a se reconhecido, posteriormente, como a ‘primeira onda’ do feminismo. (LOURO, 2003, p.15)

As sufragistas entendiam que o voto poderia garantir a isonomia entre homens e mulheres, contudo, o movimento acabou sendo restringido ou tendo favorecido apenas a um pequeno grupo da burguesia, pois foram excluídas das discussões ou inclusões, as mulheres negras, por exemplo. As articulações entre patriarcado, colonialismo e capitalismo não estavam evidentes neste momento.

A segunda guerra mundial e o que ocorreu após foram e são demasiadamente significativos para qualquer ponto de saída de estudos que têm como foco a atualidade, tendo em vista que esta fase agudizou profundas alterações das relações sociais, políticas e do comportamento humano. É durante o pós-guerra que a chamada segunda onda feminista tomou sua maior forma, especialmente a partir de sua função econômica, que ganhou muito peso durante os período de guerra.

A organização da história do feminismo, neste ponto, confunde-se com a participação de grandes nomes femininos de outros movimentos (especialmente nos Estados Unidos), como grupos em busca de direitos de pessoas negras, asiáticas e latinas, bem como movimentos em busca de direitos homossexuais e anti-guerra – especialmente do Vietnã, no período em questão.

Então, nos idos de 1960, quando se somaram à luta estudos, pesquisas e construções teóricas, que proporcionaram a inclusão no meio científico, ainda que palidamente, da discussão sobre gênero, a segunda onda se estabelece, conforme continuou apontando Guaraci Louro:

Será no desdobramento da assim denominada ‘segunda onda’ – aquela que se inicia no final da década de 1960 – que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus crítico ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero. (LOURO, 2003, p. 15)

Ainda que com tímidos resultados, é inegável que a segunda onda impulsionou e deu sua contribuição para outros consensos como, por exemplo, jurídico-sociológico, consubstanciando no ramo dos Direitos Humanos tratados internacionais que reconhecem necessidades específicas às mulheres. Neste sentido, em 1975 a ONU declara o Ano Internacional da Mulher, de alguma forma reverberando já as lutas feministas.

Além das dificuldades próprias de qualquer luta social, incorporou-se ao movimento feminista outra discussão fundamental, que já se faz relevante enfatizar. É o conceito de gênero. Passa-se a ter o gênero como uma construção social, produto de uma cultura. Ou seja, pessoas nascidas e classificadas como homens ou mulheres, através do seu órgão reprodutor, seriam socializados para crescer, pensar, agir, sentir, comportar-se segundo suas posições definidas a partir do sexo, definido no seu nascimento. A construção história naturalizada por um apelo biológico, estético, funcional tinha garantido uma certa continuidade entre ciência e dogmas religiosos, saber e poder, culturas e formas de dominação e opressão. As mulheres assim, sempre vistas quer pela costela de adão, quer por sua compleição física, como um subgênero, um gênero auxiliar, passivo e naturalmente submisso. A problematização do gênero, portanto, perturbava essa ordem das coisas e criava uma fissura no patriarcado.

Inegavelmente foi com Simone de Beauvoir<sup>2</sup> que se consolidou a célebre afirmação: “O que é ser mulher? Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, em sua obra *O segundo sexo*. O acento desta obra está, portanto, intimamente ligado a este momento do feminismo, quando as mudanças próprias do estágio capitalista mas também das guerras favoreceram a mobilização de mulheres e sua entrada no mercado de trabalho (em função do deslocamento da força de trabalho masculina para os fronts de guerra), aliado a um avanço dos níveis educacionais das mulheres e do controle sobre a natalidade, mitigando o tempo da mulher em relação ao cuidado com os filhos.

O terceiro momento do movimento feminista pode ser, então, entendido. Trata-se da difusão das pautas do movimento para o que se pode considerar uma ampla gama de questões da micropolítica. Em outras palavras, trata-se do momento em que o feminismo se estabelece como uma matriz interpretativa de questões não diretamente relacionadas ao desenvolvimento da força política feminina como um fim, mas seu uso como um meio.

Isso envolve uma série de questões que norteiam a sociedade, como trabalho, ecologia, questões de gênero, causas acadêmicas e uma variedade de assuntos. Não se trata de relegar a causa de combate às disparidades de gênero, por óbvio, mas é a consolidação a autoridade do movimento como um ator político no cenário global.

Magda Guadalupe dos Santos entende o feminismo como um movimento plural, que envolve várias ondas e deve ser entendido como feminismos, pois supera a simplicidade da

---

<sup>2</sup> Em 1975, em entrevista concedida a um canal de televisão francês, Simone de Beauvoir define-se como feminista e expõe os pontos principais de sua obra "O Segundo Sexo". Conferir: BEAUVOIR, S. Questionnaire Entrevista concedida a Jean-louis Servan-schreiber. Duração: 49'47" 1975. Disponível em: <http://filosofiaemvideo.com.br/entrevista-simone-de-beauvoir-porque-sou-feminista-1975-legendado-em-portugues/>. Acesso em 20/08/2017.

luta por direitos iguais entre homens e mulheres, destacando que se propõe a apresentar alternativas em termos de análises, práticas e discursos, tendo em vista a “desconstrução dos papéis sociais e binários entre sexos e gêneros que alimentam o patriarcado” (SANTOS, 2016, p.32).

Esta fugaz linha do tempo nos permite perceber a complexidade das lutas feministas, encontrando agora em Foucault um campo teórico sólido e contundente para se pensar as relações de poder que subjazem às relações de gênero e à performatividade dos gêneros, bem como pensar também as formas de subjetivação.

### **3 UM POUCO DE FOUCAULT: UM BOCADO DE PODER, UM TANTO DE SUBJETIVAÇÃO**

Alguns teóricos debruçam-se sobre a modernidade para qualificar as modificações decorrentes dessas novas relações comerciais, políticas e sociais extremamente dinâmicas, que por sua vez refletem nas relações entre seres humanos.

A partir desse contexto histórico do pós-guerra é que vamos, com base em pesquisa bibliográfica, nos auxiliar dos estudos de Michel Foucault (1926/1984) e seus comentadores, trazendo reflexões que até hoje contribuem com a história, psicologia, sociologia, medicina e o próprio direito, discutindo sobre formas de poder ou sobre a construção da subjetividade. Apesar de uma grande produção de livros, artigos, palestras e conferências, interessam-nos mais de perto os textos sobre a sexualidade.

É essa atualidade contumaz, ágil e provocadora das reflexões de Michel Foucault que vão nos ajudar e compreender o comportamento do sujeito pois “nessa atualidade aparece o indivíduo moderno, produto de uma tecnologia, constituído enquanto objeto de saber e resultado das relações de poder, marcado pela docilidade e utilidade que justificam o processo de sua constituição.” (FONSECA, 2003, p.74)

Sustenta Márcio Fonseca que é sobre a produção do presente que se debruça o filósofo francês, observador das relações de forças, procurando decodificar os diferentes modos de construção do ser humano nessa modernidade. (FONSECA, 2003, p.74)

Essa compreensão da saída do poder concentrado para a disciplina exercida sobre cada indivíduo é que gera estranheza e sobressalto, dessa leitura por demais instigante e inovadora, mesmo que considerando o período de produção de Foucault, já que os “mecanismos disciplinares de vigilância e controle permite a compreensão do processo de

constituição do indivíduo moderno como efeito e objeto de poder, e como efeito e objeto de saber.” (FONSECA, 2003, p.80).

Nesse sentido André Duarte nos relata com precisão:

o que Foucault havia descoberto não era a impotência ou inoperância do poder soberano, mas sim a maior eficácia de um conjunto de poderes que, em vez de negar e reprimir, atuavam discretamente na produção de realidades e efeitos desejados por meio de processos disciplinares e normalizadores (DUARTE, 2006, p.47).

Colocadas as questões acerca do biopoder e do poder disciplinar, das relações entre poder-saber, e compreendendo sua obra de forma conectada, Foucault produziu três livros com a temática da *História da sexualidade*: o volume I “A Vontade de Saber”, publicado em 1976, e os dois outros volumes, respectivamente, “O Uso dos Prazeres” e “O Cuidado de Si”, publicados juntos em 1984.

No primeiro volume Foucault vai desconstruir a seguinte tese: de que a sociedade burguesa, com a ascensão do capitalismo, teria inaugurado o período vitoriano (séc.XVII a meados do séc. XX) da sexualidade, um período repressivo e recatado, tal qual o modelo de renúncia cristã, ao tempo em que evidencia a força do sujeito no trabalho e no capital. A desconstrução desta tese recairia tanto na origem da repressão, cuja moral cristã remonta à antiguidade, quanto na suposta redenção, já que a liberação sexual promovida a partir dos anos 1970-80 não teria posto fim a esta estratégia de dominação pela sexualidade.

Ou seja, a incitação atual explícita da sexualidade, quer feminina, quer masculina, quer de seus híbridos, não teria nos colocado fora dos jogos de interdição ou normalização, não nos faz mais livres, mas acentuaria apenas uma reordenação das relações de poder e controle, de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do biopoder.

A proliferação dos discursos sobre a sexualidade, fazendo do sexo algo que se deve “dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um a sua maneira” (FOUCAULT, 1984, p.34), é o modo como o biopoder vai atender ao apelo de controle, já que esse movimento, próximo da confissão, faz com que a verdade exposta se torna a maneira através da qual o indivíduo se submete ao poder normalizador do discurso científico.

Mais do que essa incidência econômica, o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei no mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade, estão ligados entre si. [...] Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que

exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar (FOUCAULT, 1984, p.13-4)

De alguma maneira, Foucault nos coloca diante da seguinte questão: essa proliferação desmedida dos discursos sobre a sexualidade teria sido “um jogo centrado na construção burguesa de uma identidade sexual, que a distinguiria das demais classes” (REBOUÇAS, 2012, Px). Por isso, para Foucault (1984, p.115), a política sexual não era a mesma em relação às classes sociais. Tais discursos tinha o compromisso de “proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?” (FOUCAULT, 1984, p.38).

Assim, se no primeiro período da história da sexualidade (até século XVIII) havia três grandes códigos explícitos a reger as práticas sexuais – o código canônico, a pastoral cristã e a lei civil, centrado, portanto, no matrimônio, tornando o sexo uma aliança legítima, o período seguinte, até o século XIX, vai-se definido pelo controle da sexualidade das crianças, das perversões e “desequilíbrios psíquicos”, incestos e adultérios, uma sexualidade periférica isolada, estudada e classificada. Para Foucault (1984, p.48), “a implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas”.

O terceiro período estaria entre o limiar do séc.XIX e XX e estaria marcado essencialmente pela influência de Freud, quando o sexo, ainda mais controlado pelo saber médico e agora também psicanálise.

É necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falamos todas essas vezes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente. (FOUCAULT, 1984, p.60)

Tanto que para explicar o significado de dispositivo da sexualidade, Foucault aborda quatro conjuntos estratégicos dessas sexualidades periféricas. Tais conjuntos distinguem-se no interior da explosão discursiva do sexo, à medida que desenvolvem dispositivos específicos de poder e saber em torno desse objeto. “São eles: histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas procriadoras e a psiquiatrização do prazer perverso.” (FONSECA,2003, p.86).

A histerização do corpo da mulher é um importante mecanismo de controle, corroborado pela medicina, ganha status de realidade, pois “A histerização do corpo da

mulher permitiu a expansão do discurso médico sobre o sexo até os limites mais profundos da intimidade pessoal.” (FONSECA, 2003, p.86).

Sustenta Marcio Fonseca que esse encorajamento para o sexo ultrapassar os limites do privado, faz com que se torne de interesse público, permitindo inclusive o controle do Estado. A vida privada e a esfera pública disputam o discurso sobre o sexo como objeto comum dentro de uma variedade de formas, aparelhos e métodos para falar, escutar, registrar e armazenar sobre esse objeto: Sexo e sexualidade.

O próximo passo foi construir um elo entre sexo e medicina, permitindo a elaboração de discursos que submetam o sexo a outros controles, além da linha familiar ou matrimonial. O alcance da prisão em que se colocou o indivíduo em nome de uma liberdade, é impressionante. O indivíduo pensa que está livre, mas o Estado o controla, desde a classificação do que é normal ou anormal, até mesmo sobre o seu nascimento, como o controle de natalidade.

Na verdade, a falar sobre o sexo e sexualidade o indivíduo sujeita-se a padrões concebidos e aceitos, não podendo fugir a tais formatações. Em a vontade de saber, aprofunda-se a noção de biopoder enquanto poder que age sobre o corpo investido pela mecânica do ser vivo e suporte de diversos processos biológicos, como a reprodução, os nascimentos, a longevidade, mortalidade. (FONSECA, 2003, p.91)

Eis a genialidade perversa dessa forma de poder, identificada por Foucault. Ele identificou sobre a sexualidade uma importante forma de controle, na medida em que por um lado adentra e ajusta o corpo e do outro lado o sexo, como regulação das populações. Neste contexto, a partir do binário homem-mulher (sexo) é determinado um comportamento (sexualidade) com limites e padrões a serem seguidos fielmente em nome da ordem e normalidade.

Quais as consequências desse poder sobre o corpo ou desse poder sobre a população, tão presentes nessa modernidade? Em outros termos que contribuição haverá a partir das construções teóricas de Michel Foucault sobre as discussões ou reflexões sobre gênero ou feminismo na atualidade?

#### **4 REVERBERAÇÕES DE FOUCAULT NOS ESTUDOS FEMINISTAS**

As reflexões de Michel Foucault não alcançaram diretamente uma discussão sobre gênero ou o movimento feminista, contudo, suas provocações nos aguçam a perceber todas as camadas de interdição e controle que se instauraram sobre a mulher, em todas as etapas



históricas relatadas. Seja por uma sujeição ao matrimônio, seja pelo controle de sua sexualidade direcionada para a procriação (mas sem deixar de constituir um imaginário que alimentava também o corpo da mulher como um objeto de luxúria e prazer pecaminoso), seja pelo dever de confissão sobre seus desejos, pensamentos, a mulher se submete, na lógica do capitalismo e do patriarcado, ao domínio absoluto do homem.

Nesta construção histórica, somos levadas a supor uma naturalidade cultural para o sexo biológico e, com isso, compramos os discursos que nos submetem a esta relação de poder. Este modelo útil de mulher é também um modelo que reforça, a um só tempo, o modelo de homem que é útil ao patriarcado.

Por conseguinte, o pensamento feminista, imbuído da perspectiva de igualar as condições entre os homens e mulheres, apropriou-se das reflexões de Foucault, aprofundando-o e incluindo em sua discussão a distinção entre sexo e gênero. Estabeleceu que o sexo, considerando inicialmente como natural, não tinha qualquer vinculação com gênero, acrescido ou construído de forma cultural.

Contudo, dessa construção inicial do feminismo já fazemos hoje uma nova abordagem, a respeito de sexo e gênero, conforme justifica Maurício Pelegrini: “Mas não há correspondência imediata entre os dois, de modo que é possível haver gênero masculino sobre um sexo feminino (e vice-versa), ou até mesmo elementos sexuais biológicos; gênero, assim é a interpretação múltipla do sexo.” (PELEGRINI, 2012, p.4)

Arremata Pelegrini sobre o pensamento de Butler, para quem “não há sentido em distinguir sexo de gênero, uma vez que gênero não pode ser definido como a inscrição cultural em um sexo pré-dado pela natureza; também o sexo se inscreve na cultura.” (PELEGRINI, 2012, p.4).

Judith Butler, ao se debruçar sobre a História da Sexualidade de Michel Foucault, evidencia que a construção absoluta em dois sexos apenas é proposital para o controle social da sexualidade, produzindo reações assimétricas àquela realidade classificada de natural ou biológica (BUTLER, 2016a, p.166).

Para Butler, os estudos foucaultianos sobre a sexualidade pode ser compreendido em duas etapas: a primeira de uma sexualidade transitória, definida pelo poder concentrado, e a segunda, de biopoder que apresenta os manobras disciplinares sobre o corpo, sempre a partir da ideia de sexo.

É possível, então, refletir que até mesmo o biológico, natural passa por um trabalho de construção, uma construção de realidade, conforme já referido, ou seja, “o sexo, dessa maneira, não pré-existe a um poder que o reprime.” (PELEGRINI, 2012, p.5)

E por isso, é necessário admitir que “Foucault trouxe expressivas contribuições para os feminismos, permitindo, com seus operadores conceituais, dar visibilidade a outras histórias, fenômenos e processos vividos pelas mulheres, silenciados pela racionalidade masculina” (RAGO, 2015, p.3).

Interessa observar que o pensamento foucaultiano converge para pensar a história e ao mesmo tempo verificar os modelos de dominação da atualidade, que por sua vez dialogam com o pensamento feminista no sentido de verificar a absurda presença de problemas de gênero, como de violência, diferença de salários e o próprio acesso ao ambiente de poder.

O entendimento sobre a verdade construída, a partir de Foucault, ajuda-nos a desconstruir narrativas históricas de supremacia do homem, ou mesmo a nos afastar do reducionismo entre homem/mulher (binário), legitimador de desigualdades que absolutamente não colaboram para superar esse momento crítico da modernidade.

A grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. O modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2016a, p. 216).

Esse referencial teórico é importante para verificar a construção de realidades que contribuam para elaboração de um homem dócil e disciplinado para atender a uma produção capitalista. Entender o poder intransigente e extremamente sutil a que estamos sujeitos. O controle está individualizado e pesando sobre cada um.

Desde o momento em que conhecemos esse processo de construção dos sexos/gêneros, ficamos a um passo de percebermos que esse mesmo processo é passível e possível de uma desconstrução. Esse é um dos principais objetivos de estudiosos como Butler, quando afirmam a necessidade da desconstrução do discurso da heteronormatividade. Do mesmo modo, essa também é a pauta de Foucault, ao anunciar sua crítica aos dispositivos da sexualidade (BOTTON, 2015, p.192)

Os estudos sobre sexo e sexualidade desenvolvidos por Foucault nos revelam uma forma absoluta de controle, já que o sexo atinge a todos, mas modulado a depender das classes sociais. É um controle sutil e eficaz. Ou, em outros termos, como acentua Berenice Bento:

Nossos corpos são fabricados por tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma partes dos corpos (BENTO, 2016, p.22).

O pensamento foucaultiano contribui para a discussão de gênero e do próprio pensamento feminista, na medida, como já referenciado, que converge para pensar a história e ao mesmo tempo verificar os modelos de dominação da atualidade. São estas formas de dominação que, passados quase um século de intensas lutas por igualdade, ainda preservam as mulheres, e todos os gêneros não dominantes (que se afastam do homem, hétero, branco), em formas de subjetivação assujeitadas, submetidas a menor remuneração, formas múltiplas de violência, objetificação de seu corpo, e um papel social que constitui um obstáculo efetivo para uma realização igualitária.

Questionada diretamente se a mesma se considera uma continuadora da obra de Michel Foucault, a pensadora Judith assim responde:

Eu não continuo, de fato, a obra de ninguém. Encontro tensões muito importantes no pensamento de Foucault e as sigo. Não pertencço, de fato, a uma escola. Foucault continua a ser muito importante para mim. (BUTLER, 2016b, p.50)

As influências de Foucault atingem também Beatriz Preciado, espanhola, muito próxima de Judith Butler, que escreveu “Manifesto contrassexual: práticas subservidas de identidade sexual”, lançado em 2000, conforme afirmou Carla Rodrigues:

Quando uso a expressão ‘ordem do discurso’ estou buscando uma aproximação com outro filósofo marcante na trajetória do pensamento de Preciado, Michel Foucault. Deste francês ela se vale para pensar uma definição biopolítica dos corpos e a produção do gênero, do sexo e da sexualidade como técnicas de domínio criadas na modernidade, com as quais Preciado quer romper. Faz disso uma estratégia intelectual, sem dúvida, mas também uma forma de pensamento encarnado, expresso no ‘próprio’ corpo, aspas aqui para indicar a impossibilidade dessa ‘propriedade’ tão tida como natural. (RODRIGUES, 2016, p.33)

As construções de Foucault constituem-se um importante marco para modernidade, constitui-se uma crítica à modernidade. Contudo, não se constitui uma crítica pós-moderna, pois o mesmo não apontou (talvez sua morte abreviada o tenha interrompido) para uma saída emancipadora para o que identificou de biopolítica dos corpos, conforme afirma Boaventura de Sousa Santos:

A última grande tentativa de produzir uma teoria crítica moderna coube a Foucault, tomando precisamente como alvo o conhecimento totalizante da modernidade, a ciência moderna. Ao contrário da opinião corrente, Foucault é para mim um crítico moderno e não um crítico pós-moderno. Ele representa o clímax e, paradoxalmente, a derrocada da teoria crítica moderna. Levando até às últimas consequências o poder disciplinar do panóptico construído pela ciência moderna, Foucault mostra que não há qualquer saída emancipatória dentro deste ‘regime da verdade’, já que a própria resistência se transforma em ela própria num poder disciplinar e, portanto, numa opressão consentida porque interiorizada. O grande mérito de

Foucault foi ter mostrado as opacidades e os silêncios produzidos pela ciência moderna, conferindo credibilidade à busca de 'regimes da verdade' alternativos, outras formas de conhecer marginalizadas, suprimidas e desacreditadas pela ciência moderna. (SANTOS, 2011, p.26-27)

Se Foucault não pode, ele mesmo, empreender esse discurso que ressignifica os gêneros, mas oferece um diagnóstico persuasivo das causas da assimetria e das relações de poder e dominação entre os sexos, o próprio Boaventura de Sousa Santos, em seus estudos mais recentes, também se debruça nas relações de poder para perceber as indissociáveis associações entre o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, num processo de retroalimentação, uma vez que a complexidade das formas de opressão exige que se compreenda como o próprio capitalismo se vulnerabiliza sem a manutenção do patriarcado.

Estas três formas de dominação operam articuladamente. Tanto o colonialismo como o patriarcado existiram muito antes do capitalismo moderno mas foram profundamente reconfigurados por este para servir os objetivos da expansão do capitalismo. O patriarcado foi reconfigurado para desvalorizar o trabalho das mulheres na família e na reconstituição da força de trabalho. Apesar de ser um trabalho iminentemente produtivo porque produz a própria vida e foi falsamente concebido como trabalho reprodutivo. Essa desvalorização abriu o caminho para a desvalorização do trabalho assalariado das mulheres. O patriarcado continua vigente apesar de todas as lutas e conquistas dos movimentos feministas e de mulheres. (SANTOS, 2016).

Assim, a compreensão dos estudos feministas passa pelo reconhecimento da dos diagnósticos foucaultianos acerca das relações de poder, dos modos de subjetivação e da interdição e controle sobre corpos, mentes e formas de vida. Os estudos feministas precisam enfrentar também as correlações intrínsecas entre capitalismo, colonialismo e patriarcado, somando forças, fazendo ouvir, na metáfora foucaultiana, *o ronco surdo da batalha*.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

As condições de emancipação da mulher nos diversos contextos da sociedade atual tem sido um importante viés de discussão na academia e fora dela, sendo necessário reconstruir o histórico de luta, as teorias fundantes, o marco jurídico, seus avanços e retrocessos. Pensar nas relações de poder que se instauram a partir das construções culturais, sociais, econômicas e de gênero é uma tarefa urgente, aqui sensibilizada.

O estudo crítico da história visa apontar diversos registros e contribuições para uma compreensão da realidade e sua própria transformação. Essa correlação de forças existe de

diversas formas, tornando o movimento feminista, ultimamente ampliado e fortalecido pela inclusão da discussão de gênero, um importante caminho.

Para o fortalecimento dessas lutas é imprescindível uma fundamentação teórica que norteie e aponte as fontes e soluções para os problemas. Neste aspecto, conforme evidenciamos, as construções teóricas de Michel Foucault são inegáveis e influenciaram outros teóricos fundamentais para o estado da arte dos estudos feministas, como Judith Butler.

É preciso superar esse condicionamento que nos foi apresentado como natural: Naturalmente se nasce homem ou mulher e naturalmente se pensa, age e comporta-se como homem e mulher. Esse regime de verdade não permite ou não recebe nada que esteja fora desse padrão binário, constituindo-se como um sistema de dominação sobre outras subjetividades, não enquadráveis. Ainda mais, este modelo mitiga até mesmo que parece se beneficiar dele – a identidade masculina mas, sobretudo, mutila e violenta as mulheres.

Esse sistema de dominação em relação aos gêneros encontra-se completamente tramado com outras formas de dominação do capitalismo e do colonialismo. Neste sentido, as batalhas são múltiplas e precisam estar articuladas porque muito facilmente se defende a bandeira da igualdade nas relações de trabalho, mas se oprime e submete as mulheres nos espaços sociais da família ou do lazer, por exemplo. Ou mesmo quando, na lógica apresentada por Boaventura de Sousa Santos, as diferenças são usadas para inferiorizar e a igualdade para descaracterizar.

O desafio posterior é a construção, assim como asseverou Boaventura Sousa Santos de uma teoria crítica emancipadora, que possa mostrar efetivamente uma superação da situação de submissão entre os gêneros, entre as pessoas. É preciso que se enfrentem as assimetrias e violências nas relações de gênero, promovendo a emancipação dos seus partícipes, de nós mesmos, abrindo o debate sobre formas de subjetivação que preservem ideias de dignidade e justiça.

## **REFERÊNCIAS**

BEAUVOIR, S. Questionnaire Entrevista concedida a Jean-louis Servan-schreiber. Duração: 49'47" 1975. Disponível em: <http://filosofiaemvideo.com.br/entrevista-simone-de-beauvoir-porque-sou-feminista-1975-legendado-em-portugues/>. Acesso em 20/08/2017.

BENTO, Berenice. *Queer* o quê? Ativismo e estudos transviados. Revista Cult, São Paulo, Ed especial n.6, 20/24, jan/2016.

BOTTON, Fernando Bagiotto A construção discursiva dos sexos e da sexualidade na modernidade a partir de Butler e Foucault. **Bagoas**. n. 13, 2015, p. 177-193. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9654>. Acesso em: 21/08/2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a.

BUTLER, Judith. A filósofa que rejeita classificações: 2016. Entrevista concedida a Carla Rodrigues. **Revista Cult**, São Paulo, Ed especial, n.6, p. 46-50, dez/2016b.

DUARTE, André. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: RAGGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.45-55.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**, Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 5 ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984a

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**, Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**, Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984c.

MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Michel Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

PELEGRINI, Maurício A. **Foucault, feminismo e revolução**. Disponível em: <[http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030\\_ARQUIVO\\_MauricioPelegri-ri-Anpuh2012.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030_ARQUIVO_MauricioPelegri-ri-Anpuh2012.pdf)>. Acesso em: 06.jun.2017.

RAGO, Margareth. **O feminismo acolhe Foucault**. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/09/01/o-feminismo-acolhe-foucault-margareth-rago/>>. Acesso em: 05.jun.2017.

REBOUÇAS, Gabriela Maia. **O avesso do sujeito: provocações de Foucault para pensar os direitos humanos**. Opinión Jurídica. Medelin. 2015 Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-25302015000200003](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-25302015000200003)>. Acesso em: 05.jun.2017.

REBOUÇAS, Gabriela Maia. **Tramas entre subjetividades e direito: a constituição do sujeito em Michel Foucault e os sistemas de resolução de conflitos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

RODRIGUES, Carla. A política do desejo. **Revista Cult**, São Paulo, Ed. especial, n.6, 32/34, jan/2016

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Os feminismos e suas ondas. **Revista Cult**, São Paulo, n.219, 32/35, dez/2016.

SANTOS, B. F. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **EXAME Brasil**. 2017. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 20/08/2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa: **Quinze questões para uma nova esquerda**. IN Brazil, Democratizing Democracy, More countries, Opinião, 2016. Disponível em: <http://alice.ces.uc.pt/news/?p=5686>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

SWAIN, Tania Narro. Velha? Eu? auto-retrato de uma feminista. In: RAGGO, M.; VEIGANETO, A. (Org). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.261-270.

ZUBEN, Marcos de Camargo von. Ricoeur, Foucault e os mestres da suspeita: em torno da hermenêutica e do sujeito. **Trilhas**. Ano 1 • Nº 1 • Jan/Jun 2008, p.34-42. Disponível em: <http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/Ricoeur%20Foucault%20e%20os%20mestres%20da%20suspeita%20Marcos%20von%20Zuben.pdf>. Acesso em 20/07/2017.